

A Metáfora do Sangue e os Suicídios de Fumicultores no Vale do Rio Pardo, RS, Brasil

Laila Mayara Drebes^a

Resumo: O artigo analisa como o sangue é metaforicamente empregado no Vale do Rio Pardo para explicar uma possível relação entre morte, etnia e parentesco diante de vários suicídios em diferentes gerações de famílias de fumicultores de descendência alemã. Os dados foram coletados em pesquisa de campo em 2017, por meio de entrevistas semiestruturadas e observações assistemáticas. No Vale do Rio Pardo, o sangue é empregado metaforicamente como símbolo da etnia germânica e do parentesco consanguíneo, construindo uma narrativa socialmente aceita de que os fumicultores teuto-brasileiros cometem suicídio por supostas questões biológicas atreladas à etnia e à família, passadas e perpetuadas geneticamente entre gerações. Embora sem amparo científico, a narrativa vem sendo explorada por segmentos da sociedade regional para proteger a cadeia de produção e processamento do tabaco de vinculações com as mortes dos fumicultores teuto-brasileiros. Por meio da metáfora do sangue o suicídio deixa de ser uma problemática social.

Palavras Chaves: Etnia; Parentesco; Tabaco; Teuto-brasileiros.

Introdução

Descendente de imigrantes germânicos, agricultores familiares de geração em geração, durante minha infância em área rural no estado do

^a Universidade Federal do Sul e do Sudeste do Pará (UFSSP).

Email: drebeslm@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0681-238X>

Rio Grande do Sul, Brasil, vivenciei o enforcamento de uma das irmãs do meu avô materno. Recordo-me da sensação de estranhamento, e até de estarrecimento, diante da assimilação da ideia de uma morte intencionada, causada com auxílio de uma corda, como os mais velhos resumidamente esclareceram. Eu não tinha muito conhecimento sobre a morte até então, mas a considerava um acontecimento ruim e não via motivos para uma pessoa causar a si mesma uma violência como esta.

Já na adolescência, encontrei um retrato em uma caixa de fotografias antigas dos meus avós. Sem cores, mostrava um homem de rosto inchado e olhos vidrados, sentado no chão, com o corpo encostado em uma árvore e uma corda cercando seu pescoço. Ele estava morto: outro enforcamento. A fotografia era proveniente da perícia realizada com a intenção de confirmar o suicídio e, por conseguinte, a inexistência de um crime. A partir deste retrato, referente a um tio do meu avô materno, descobri outros suicídios na família, não apenas na geração do meu avô, mas também nas gerações de meu bisavô e de meu tataravô.

Dessa sombria experiência pessoal surgiu o interesse em compreender a construção social dos suicídios de fumicultores familiares, descendentes de imigrantes germânicos, no Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, Brasil, tema de minha tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (Drebes 2019).

O Vale do Rio Pardo começou a ser constituído em meados do século XIX, com a chegada de imigrantes germânicos para a colonização de territórios vazios do estado do Rio Grande do Sul, conforme acordo estabelecido entre Alemanha e Brasil. Em sua maioria oriundos de áreas rurais, os imigrantes dedicaram-se a inúmeras atividades agropecuárias na região, inclusive à fumicultura. Com o passar do tempo, em virtude da evolução das dinâmicas econômicas e sociais configuradas na região, a produção de tabaco tornou-se a principal fonte de renda da população rural (Cunha 1988; Vogt 1994).

Atualmente, o Vale do Rio Pardo é considerado o principal polo de produção e processamento do tabaco no Brasil, destacando-se não somente em razão dos elevados números relacionados ao cultivo (9 municípios dos 30 principais produtores de tabaco do país situam-se no Vale do Rio Pardo), os quais denotam sua especialização em tal atividade produtiva, como também por ser sede da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (Sinditabaco) e de inúmeras indústrias nacionais e transnacionais, como ATC, JTI, Premium, Phillip Morris, Souza Cruz e Universal Leaf.

Além da colonização alemã e da especialização na cadeia de produção e processamento do tabaco, o Vale do Rio Pardo também atrai atenção devido à elevada taxa de suicídios em muitos de seus municípios e na própria região como um todo. Segundo dados da Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul (Sesrs 2018), as regiões do estado com maiores taxas de suicídios referem-se à região do Botucaraí (21,9 suicídios a cada 100.000 cidadãos), do Caminho das Águas (19,2 suicídios), do Planalto (17,9 suicídios) e do Vale do Rio Pardo (17,2 suicídios), estando esta última continuamente entre as áreas com maiores índices de suicídio do estado.

Em somatório, no final da década de 2000 e início da década de 2010, a Divisão de Vigilância Epidemiológica e o Núcleo de Vigilância de Doenças e Agravos Não-Transmissíveis do estado do Rio Grande do Sul desenvolveram um projeto piloto intitulado Promoção da Vida e Prevenção do Suicídio. Na ocasião, 4 municípios de todo o estado, que constavam entre aqueles com as maiores taxas de suicídios, foram selecionados para o desenvolvimento do projeto. Todos os 4 municípios eram especializados na produção e processamento de tabaco e 3 deles situavam-se no Vale do Rio Pardo (Sers 2011).

Outrossim, ao iniciar a pesquisa de campo no Vale do Rio Pardo, logo descobri casos de múltiplos suicídios em famílias de fumicultores de descendência alemã, semelhantes ao caso da família de meu avô materno, citado anteriormente. A partir desta constatação, iniciei um estudo mais minucioso sobre a relação entre morte, etnia e parentesco

no contexto dos suicídios de fumicultores do Vale do Rio Pardo, estudo que conduziu à qualificação do sangue como ponto importante para a compreensão de tal relação.

Dessa maneira, o presente artigo, consistente em um pequeno recorte de minha tese de doutorado, foi motivado pelas seguintes indagações: Qual a importância do sangue para a compreensão dos suicídios entre os fumicultores de descendência alemã do Vale do Rio Pardo? Como o sangue é associado aos casos de suicídios? Seria mesmo o sangue um causador de suicídios de fumicultores? Destarte, o artigo analisou como o sangue é metaforicamente empregado na região do Vale do Rio Pardo para explicar uma possível relação entre morte, etnia e parentesco diante de vários suicídios em diferentes gerações de famílias de fumicultores de descendência alemã.

Metodologicamente, os dados foram coletados em pesquisa de campo realizada no ano de 2017 na região do Vale do Rio Pardo, por meio de entrevistas de roteiro semiestruturado com familiares e vizinhos de fumicultores suicidas, agentes de saúde, extensionistas rurais, representantes das agroindústrias fumageiras, autoridades religiosas, jornalistas e voluntários de organização não-governamental de prevenção ao suicídio. De modo complementar, também foram coletados dados por meio de observações assistemáticas no decorrer da realização das entrevistas e imersão no Vale do Rio Pardo.

Breves considerações sobre a Antropologia do Parentesco e a Metáfora do Sangue

De acordo com Caruso, Marini e Garcia (2020: 28), “o sangue, vital para humanos e não-humanos, possui muitas existências, significações e interpretações, das quais a Antropologia desde os seus primórdios soube se valer”. Desde o século XIX, quando Lewis Henry Morgan publicou, em 1871, *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family*, as questões em torno do sangue passaram a

interessar os antropólogos, principalmente aqueles que pesquisavam parentesco.

No que tange a história da disciplina intitulada Antropologia do Parentesco, “as abordagens sobre o sangue foram desenvolvidas e ampliadas, deslocando e movimentando as próprias compreensões sobre parentesco”. Substância, mas também metáfora, o sangue serviu de marcador de hereditariedade até condutor de identidades (Caruso; Marini; Garcia, 2020: 28).

Embora o sangue seja substância relevante para a Antropologia do Parentesco, são escassos os estudos sistemáticos sobre ele. Apesar do antropólogo David Schneider não ter desenvolvido uma análise dessa substância, é em seu estudo *American Kinship: a cultural account*, da década de 1960, onde encontram-se os mais remotos e consistentes escritos sobre o sangue como uma metáfora. Como elucidado por Rodrigues e Schramm (2019:116), em estudo que reflete sobre corpo, imunidade e saúde a partir da metáfora do sangue: “apesar de não terem a função de denotação e afirmação dos fatos, as metáforas iluminam o conhecimento e promovem uma melhor compreensão de um tema ao transferir um vocábulo de uma significação para outra”.

O estudo de Schneider (1980) evidenciou duas maneiras de parentesco socialmente reconhecidas: por meio do sangue ou por meio do casamento. Dentre estas, o parentesco de sangue foi considerado a maneira mais autêntica de ser parente por ser o resultado das relações sexuais entre um genitor e uma genitora, desencadeando nascimentos. No contexto estudado pelo antropólogo, o parentesco por meio do sangue era entendido como um vínculo da natureza, fundamentado em intercâmbio genético, onde cada filho resultante de uma dada relação sexual era constituído por 50% do material genético do pai e 50% do material genético da mãe. Dessa maneira, a mulher (genitora) e a criança são parentes de sangue, assim como o homem (genitor) e a criança, também são. Mas a mulher e o homem, mesmo se casados, não são parentes de sangue, pois não são constituídos por parte do material genético um do outro. Logo, ser parente de sangue é compartilhar, em

certa medida, um mesmo material genético transmitido hereditariamente: é ter um ascendente em comum de onde provém o sangue responsável pelo vínculo e que permite mensurar a distância e/ou o grau de parentesco.

O sangue é uma questão de nascimento, o nascimento é uma questão de procriação, e a procriação é uma questão de relações sexuais. A relação sexual é um ato que é realizado e não acontece apenas. No entanto, como um ato, é natural. Seu resultado é a concepção, que é seguida pelo nascimento, e isso também é natural. A relação sexual como um ato de procriação cria a relação de sangue entre os pais e a criança, gera genitor e genitora, para além de marido e mulher (Schneider 1980:38, tradução minha¹).

Diferentemente do parentesco por meio do casamento, o parentesco por meio do sangue é considerado involuntário e inalterável, criando sólidos vínculos de solidariedade. Embora seja possível ter um ex-marido, uma-ex-mulher, assim como ex-cunhados e ex-sogros, não é possível ter um ex-pai, uma ex-mãe, nem mesmo ex-filho, ex-filha, ex-irmão, ex-irmã, nem ex-tios, ex-primos, ex-avós etc. Isso significa que o vínculo de parentesco por meio do casamento poderia ser extinto, mas isso não seria válido para o parentesco por meio do sangue, considerado um vínculo indissolúvel, por ser um laço naturalmente criado, e não apenas culturalmente construído (Schneider 1980).

Nesse mesmo estudo, Schneider (1980) percebeu que os grupos sociais atrelavam à hereditariedade genética do parentesco de sangue uma suposta hereditariedade identitária: os parentes de sangue compartilhariam não somente o código genético, mas também o código de conduta, apresentando maneiras de agir e de pensar semelhantes. Em outros termos, o código de conduta parecido seria o modo de expressão

do código genético em comum, tudo isso transmitido de uma geração para outra por meio do sangue.

Todavia, embora por meio da associação entre hereditariedade genética e hereditariedade identitária, David Schneider tenha evidenciado a possibilidade de uso do sangue como uma metáfora, os seus escritos não avançaram nesse sentido. Partindo desses primeiros pensamentos, outros antropólogos, mais tarde, investiram sobre o assunto, em especial Janet Carsten, no século XXI, sistematizando certas convenções sobre a metáfora do sangue e seus usos na Antropologia do Parentesco.

Para Carsten (2013; 2014), o sangue merece a atenção da Antropologia do Parentesco devido à sua incomum inclinação à simbolização, à constituição de camadas de ressonância simbólica. Logo, os vínculos naturais atribuídos ao sangue não são substanciais, mas sim metafóricos, empregados com o intuito de simbolizar não apenas o parentesco, mas numerosas dimensões até então não visualizadas dele, sendo esse simbolismo construído diferenciadamente em conformidade com a espacialidade e a temporalidade em questão.

Segundo Carsten (2013), existem inúmeras elaborações metafóricas atreladas ao sangue, envolvendo certas antinomias. Ao mesmo tempo em que o sangue é símbolo de vida, também é símbolo de morte, de essência e de transformação, de verdade e de mentira, de saúde e de doença, de harmonia e de violência. São significados variados e, por vezes, contraditórios.

Na visão de Carsten (2011; 2014), o simbolismo do sangue para a Antropologia do Parentesco relaciona-se com as suas características naturais, principalmente atreladas à noção de corrente sanguínea. Devido à esta característica de movimento, o sangue é utilizado metaforicamente como símbolo de vida e de morte, sobretudo.

Ademais, conforme Carsten (2014), devido às suas características naturais, o sangue também costuma simbolizar continuidade, dada a sua competência em carregar diferentes historicidades simultaneamente,

convertendo memórias em entendimentos de sangue. Essa metáfora é muito usada no contexto de parentesco. Nos termos de Carsten (2014:112): “tendo em mente as vívidas qualidades de liquidez, fluxo, coagulação e paralisação do sangue, nós podemos, também, entender a associação do sangue com noções de descendência em muitas culturas”. Dotado de agência, o sangue é considerado como a “matéria do parentesco”, em função da crença de que o sangue é o elo de continuidade entre pais (ou pelo menos um deles) e filhos (Carsten 2014).

Em somatório, de acordo com Carsten (2013), o sangue não só é a “matéria do parentesco” como também é a “substância da verdade”. Apesar de atualmente a sua capacidade de revelar venha sendo mais explorada medicamente por meio dos exames de sangue que, no âmbito do parentesco, por exemplo, podem confirmar ou não os vínculos de paternidade e de filiação, inúmeros grupos sociais o empregam metaforicamente como revelador da verdade em termos morais, isto é, símbolo do estado interno do indivíduo e de suas inclinações éticas, esclarecendo suas escolhas.

“Sou totalmente alemão”: sangue e etnia no vale da fumicultura

Nos inúmeros estudos da antropóloga Giralda Seyferth sobre a colonização alemã no Sul do Brasil, iniciada em meados do século XIX, fica visível como a metáfora do sangue serviu de alicerce para a manutenção da identidade étnica dos imigrantes e de seus descendentes. Devido ao modo de condução do processo colonizatório, inicialmente ocorreu um certo isolamento dos alemães no Sul do Brasil, desencadeando embaraços em sua naturalização e assimilação na nova nação. Mesmo passando a viver em outro país, estas pessoas continuaram valorizando o chamado *jus sanguinis*² alemão, o que contribuiu para a conformação de um afastamento entre “nós, os alemães” e “eles, os brasileiros”: uma fronteira entre culturas (Seyferth 2000).

Dessa maneira, o movimento migratório Alemanha-Brasil fundamentou a identidade étnica “teuto-brasileira”, articulando atributos de ambas as identidades nacionais. Este vocábulo é utilizado ainda hoje na nomeação dos descendentes dos imigrantes germânicos que colonizaram regiões do território do Sul do Brasil no decorrer dos séculos XIX e XX. A identidade étnica teuto-brasileira evidencia a interdependência entre a cultura da nação de emigração (Alemanha) e a cidadania da nação de imigração (Brasil), assim como expressa a alteridade estabelecida entre “nós, os alemães” e “eles, os brasileiros” (Seyferth 2000).

Dado o enaltecimento da identidade étnica teuto-brasileira, entre os fumicultores do Vale do Rio Pardo, suas famílias e comunidades, o sangue é considerado uma substância valiosa, símbolo da etnicidade, isto é, da germanidade. No decorrer da pesquisa de campo, inúmeros entrevistados afirmaram sua descendência alemã, atestando com orgulho: “sou totalmente alemão” (Luiz, 36 anos, instrutor de tabaco e filho de fumicultores familiares), “sou da quinta geração de imigrantes alemães” (Neivaldo, 65 anos, representante de entidade vinculada aos fumicultores familiares) e “eu sou de etnia alemã, meus tataravós vieram da Alemanha, de ambos os lados, tanto do pai, quanto da mãe” (Claudir, 48 anos, líder comunitário e vizinho de fumicultor familiar suicida).

Esta valorização da identidade étnica teuto-brasileira, atrelada à noção de sangue, foi identificada nos estudos das antropólogas Ellen Woortmann e Giralda Seyferth, em comunidades de agricultores descendentes de imigrantes alemães no Brasil. Conforme as autoras, a identidade étnica teuto-brasileira é sustentada em valores morais conformados principalmente no seio da família, correspondendo à uma consciência coletiva sobre a origem comum manifestada pelo uso cotidiano do dialeto alemão, pela continuidade da cultura e dos costumes alemães e pela preferência por interações sociais apenas entre teuto-brasileiros, o que no início do processo de colonização germânica no Sul do Brasil incluía casamentos endogâmicos (principalmente entre

primos de primeiro e segundo graus), garantindo a pureza do sangue e, consequentemente, do código genético e de conduta (Seyferth 1986; 1994; 2000; Woortmann 1995).

Atualmente, os principais marcadores étnicos no Vale do Rio Pardo consistem no dialeto e no sobrenome: se o indivíduo consegue se comunicar utilizando o dialeto *Hunsrückisch*³ e detém um sobrenome teuto, está socialmente comprovado que possui “sangue germânico”. Nesse aspecto, é interessante compartilhar como estes marcadores étnicos estiveram presentes durante a realização da pesquisa. Antes de entrevistar, eu era sondada na tentativa de os interlocutores decidirem se me incluíam no “nós, os alemães” ou no “eles, os brasileiros”: inquietava-os minha posição étnica, isto é, onde eu me situava em relação a ressaltada fronteira identitária. Logo, fui submetida a interrogações como: “de que gente você é?”; “você também é de origem [alemã]?”; “você é descendente de alemães, não é?”; “qual é o seu sobrenome?”; “você fala alemão?”; “podemos fazer a entrevista em alemão?”.

Quando eu respondia que mantinha o sobrenome germânico da família paterna, contava de quais regiões da antiga Alemanha meus antepassados haviam migrado e explicava que já não dominava o dialeto (embora ainda conseguisse proferir e compreender algumas palavras e frases curtas), de imediato os entrevistados se mostravam mais dispostos a participar da pesquisa (mesmo sendo sobre um tema tabu, como é o suicídio). Como eu detinha os marcadores sociais do sangue germânico, eu e eles partilhávamos a mesma identidade étnica: ambos éramos “nós, os alemães”, como elucidado no estudo de Seyferth (2000). Indivíduos de outras identidades étnicas não costumam receber a mesma consideração. “Eles, os brasileiros” estão no outro extremo da fronteira identitária.

Curiosamente, o sangue como metáfora da identidade étnica teuto-brasileira também foi atrelado à ocorrência de suicídios entre os fumicultores do Vale do Rio Pardo. No imaginário social regional, os teuto-brasileiros são considerados indivíduos introvertidos e rigorosos, pouco aptos a superar adversidades em suas vidas pessoais e

profissionais, sendo muito suscetíveis a frustrações e, conseqüentemente, ao suicídio. Dessa maneira, percebeu-se que, para além do dialeto e do sobrenome, o próprio suicídio também era acionado como marcador da identidade étnica teuto-brasileira. Conforme essa racionalidade, o motivo dos suicídios seria o sangue germânico, indicando a crença em uma relação de causa-efeito entre sangue e suicídio, como evidencia o relato abaixo destacado.

Eu, particularmente, às vezes, acho que o fator que leva a isso é um pouco a questão da etnia, da genética, do sangue... essa descendência da raça oriunda da Europa. Me parece que quando a gente vai ver, os de descendência alemã ou dessas origens europeias, me parecem que são mais acentuados o número de suicídios, que são pessoas que têm mais facilidade de praticar esses atos (Neivaldo, 65 anos, representante de entidade vinculada aos fumicultores familiares).

Ao ser vinculado à ocorrência de suicídios, o sangue como metáfora da identidade étnica teuto-brasileira serve à naturalização das mortes dos fumicultores do Vale do Rio Pardo, biologizando-as e menosprezando possíveis motivações sociais envolvidas. Os significados atribuídos à substância sangue fazem com que ele seja considerado uma espécie de vetor dos suicídios.

Parentesco e suicídio: a morte está no sangue

No Vale do Rio Pardo, a suposta relação de causa-efeito entre sangue germânico e suicídio se converteu em argumento comumente utilizado para explicar a recorrência dos suicídios entre os fumicultores, principalmente quando existe mais de um caso em uma mesma família, utilizando o sangue não apenas como metáfora de etnia, mas também de parentesco.

As primeiras evidências que apontaram para o uso da metáfora do sangue como etnia, associada à metáfora do sangue como parentesco, para explicar a ocorrência dos suicídios dos fumicultores, vieram à tona em entrevista realizada com um padre da Igreja Católica, filho de agricultores. Quando perguntado se na sua família existiam casos de suicídio, a sua resposta foi a seguinte:

Na família de sangue, diretamente não. Tem um tio emprestado sim, casado com uma tia minha, que se suicidou. Depois tem outro casado com uma prima minha. Mas diretamente do sangue nosso, não tenho ninguém. E pessoas ligadas, próximas, sim. [...]. Mas agora, de família, de sangue mesmo, eu não tenho ninguém. (Lair, 62 anos, padre da Igreja Católica).

A ênfase colocada sobre a afirmação de não existirem suicídios em sua “família de sangue” chamou atenção. Além de fazer uma clara distinção entre os vínculos naturais (parentesco de sangue – “família de sangue”) e os vínculos culturais (parentesco de casamento – “tio emprestado, casado com uma tia”, “outro casado com uma prima”) do parentesco, a colocação do padre evidenciou que, de alguma maneira, o parentesco de sangue era relevante para a compreensão dos suicídios no contexto dos fumicultores teuto-brasileiros do Vale do Rio Pardo.

Nas entrevistas seguintes também foram elucidadas vinculações entre a metáfora do sangue como parentesco e a ocorrência de inúmeros casos de suicídio em famílias teuto-brasileiras, fosse na mesma geração ou em gerações diferentes. Importante mencionar que o estudo de Klein (1984), em Teutônia, no Rio Grande do Sul, havia identificado e sublinhado a ocorrência recorrente de suicídios intra e intergeracionais em famílias teuto-brasileiras.

No Vale do Rio Pardo, por meio de termos como “hereditário”, “genético” e “tendência”, os interlocutores trouxeram à tona a metáfora

do sangue como parentesco em situações de múltiplos suicídios em uma mesma família. Em relato sobre a situação de uma família de fumicultores conhecida, onde ocorreu o suicídio de tio e sobrinho, um entrevistado sintetizou a causa das mortes com a expressão “é o próprio sangue deles” (Liseu, 55 anos, fumicultor).

Assim, a pesquisa de campo evidenciou o entendimento compartilhado por muitas pessoas de que estaria no sangue a motivação para o suicídio e que o compartilhamento do sangue por meio das relações de consanguinidade provocaria a transmissão do vetor suicida entre entes com vínculos naturais de parentesco, tornando o suicídio hereditário, semelhante a uma carga genética. Esta carga genética se manifestaria somente em certos indivíduos, assim nem todos os membros de uma mesma família necessariamente cometeriam suicídio, embora continuariam a transmitir o vetor. Como mencionei anteriormente e voltarei a discutir mais à frente, esta é uma forma de biologizar as inúmeras causas possíveis para um suicídio, retirando a força da realidade social sobre essas mortes.

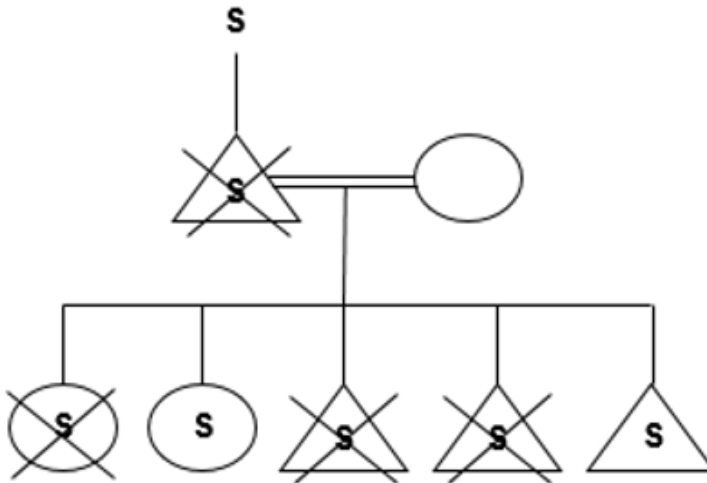
Para ilustrar, selecionei um excerto de entrevista realizada com um ex-fumicultor e ex-funcionário de instituição vinculada à agroindústria fumageira, no qual o entrevistado relatou a história de vida de um vizinho.

O pai dele se enforcou, a irmã dele, o irmão dele e ele. Quatro na família cometeram suicídio. O pai, eu era pequeno, ele era da localidade, eu tinha os meus 8 pra 9 anos, e foi a primeira vez que eu vi uma pessoa morta: o cara enforcado, dentro de uma estufa de fumo. [...] Eu acho que isso [suicídio] tem muito a ver com a descendência de europeu. Isso vem, quero crer que isso possa vir de uma genética. [...] Eu acho que ainda está no gene. Por exemplo, aquela família ali são quatro [suicidas]. O bisavô deles era alemão, era estrangeiro (Arnildo, 60 anos,

líder comunitário e vizinho de fumicultor familiar suicida).

O depoimento do entrevistado aborda o suicídio de um fumicultor familiar teuto-brasileiro, de sua irmã, de seu irmão e de seu pai. Neste caso, o possível vetor suicida viria da linhagem paterna: também o avô ou a avó por parte de pai (ou ambos), seriam portadores. Mas, conforme o relato, a origem deste estaria em um bisavô paterno, imigrante que veio da Alemanha para o Brasil. O modelo abaixo apresentado ilustra resumidamente o caso da família analisada, onde ocorreram suicídios consanguíneos (Figura 1), sendo a letra “S” utilizada para representar o suposto vetor suicida transmitido por meio do sangue.

Figura 01 – Estrutura de parentesco e suposta transmissão de vetor suicida por meio do sangue em família de fumicultores teuto-brasileiros do Vale do Rio Pardo. Fonte: elaboração da autora



Infelizmente, tendo em vista o tabu do suicídio, não foi possível entrevistar a família analisada no caso acima e os demais informantes não souberam elucidar com clareza o restante da árvore genealógica e de suicídios, embora tenham garantido que os casos grafados na Figura 01 não eram os únicos, existindo outros entre os parentes de sangue nas gerações mais antigas.

Uma pesquisa da antropóloga Ellen Woortmann mostrou que a autoridade do sangue para transmitir atributos negativos é normalmente acionada nas áreas rurais do Rio Grande do Sul onde existem teuto-brasileiros. De maneira semelhante ao ocorrido com o suicídio no Vale do Rio Pardo, Woortmann (1988) averiguou a autoridade atribuída ao sangue na transmissão de características imorais, concentradas sobre a ideia de *keim*. Os colonos alemães entendiam o *keim* como uma carga genética vinculada à moralidade dos indivíduos, contida no sangue e comunicada de uma geração à outra, sendo, portanto, transmitida hereditariamente, podendo ser herdada tanto da linhagem paterna como da linhagem materna. O *keim* era utilizado na classificação das pessoas, por meio de suas famílias, como casáveis, se dotadas de *keim* bom, ou não casáveis, se dotadas de *keim* ruim.

O *keim* bom se referia à ausência de vícios, presença de senso de solidariedade, respeito à hierarquia, honestidade, força física, cumprimento da palavra empenhada, capacidade de organização da propriedade rural, senso de justiça, prudência, senso de iniciativa, diligência, entre outros. Basicamente, se existisse na família um indivíduo com características de um *keim* ruim, o sangue dessa família era contaminado e era, então, elevada a probabilidade de existir *keim* ruim entre outros membros. Normalmente, o *keim* só era ativado como classificador no sentido negativo, não sendo comuns menções a *keim* bom (Woortmann 1988).

Do alemão, *keim* pode ser traduzido como germe ou micróbio, reforçando o seu simbolismo negativo atrelado à ideia de contaminação e de doença. Desta maneira, por meio na noção de *keim* naturalizava-se a moralidade dos indivíduos e de seus familiares, pois a autoridade de

definir quem apresentaria comportamentos morais e quem não apresentaria relacionava-se ao sangue: eram comportamentos geneticamente pré-definidos.

Entre os fumicultores teuto-brasileiros do Vale do Rio Pardo, o raciocínio de vinculação entre sangue e suicídio é semelhante: acredita-se numa tendência ao suicídio, geneticamente sustentada e hereditariamente transmitida. Assim, o sangue como metáfora de parentesco muitas vezes acaba sendo acionado como símbolo de morte, assim como Woortmann (1988) o acionou como símbolo de imoralidade.

A metáfora do sangue a serviço da banalização e biologização dos suicídios de fumicultores

Mas os inúmeros casos de suicídio em uma mesma família de fumicultores teuto-brasileiros seriam mesmo resultantes do código genético hereditariamente transmitido através do sangue? Na Antropologia do Parentesco, desde o início do século XX o sangue é utilizado através de um olhar genético. Embora saliva e urina sejam outras substâncias úteis, o sangue é considerado a substância universal. Assim, através dos exames de sangue, a genética hematológica vem maximizando o horizonte de atuação da Antropologia do Parentesco (Mourant 1962). Entre os principais usos do exame de sangue está a determinação da paternidade, pois nesse sentido o sangue não mente (Bertho 2016).

Todavia, outra utilidade do exame de sangue vem sendo estudada: a possibilidade de identificar a predisposição genética dos indivíduos de uma mesma família a cometer suicídio. Recentemente cientistas dos Estados Unidos descobriram que alterações no gene SKA2 geram maior risco de suicídio. Contudo, mensurar esse risco e a sua hereditariedade genética ainda é um desafio, principalmente em razão do suicídio ser o ápice de um processo de sofrimento multifacetado,

requerendo a utilização de algoritmos complexos e pouco precisos na interpretação do exame de sangue (Guintivano et al. 2014).

Embora conscientes da influência das dimensões biológicas sobre o aumento do risco de suicídio, grande parte dos cientistas não acredita na existência de um indicador genético capaz de determinar se a pessoa irá ou não se matar, não confiando, por consequência, em sua hereditariedade transmitida e verificável por meio do sangue. Logo, o aumento do risco de suicídio nas gerações seguintes de uma família onde ocorreu um caso é resultado de um processo de legitimação social do suicídio: um comportamento aprendido na família e naturalizado pela sociedade (Mishara e Tousignant 2004).

Logo, o que está em causa nos vários suicídios em uma mesma família de fumicultores teuto-brasileiros no Vale do Rio Pardo não é o código genético, mas sim o código identitário. Em revisão sobre as teorias do suicídio, Mishara e Tousignant (2004) afirmam que o acontecimento de um suicídio no entorno social do indivíduo, sobretudo entre familiares, é um ponto importante para o processo de legitimação social do suicídio, pois aproxima o indivíduo da possibilidade desse tipo de morte. Devido a isso, entre os membros de uma família onde existe caso de suicídio, o risco de outros suicídios é maior: estima-se que entre 15 e 20% das pessoas que cometem suicídio conheciam alguém, normalmente um familiar, que também tentou ou cometeu suicídio no ano anterior. O estudo de Pérez (2015), realizado em município do Vale do Rio Pardo, confirma esse processo de legitimação social do suicídio, de maneira não formal, nem consciente. No referido estudo, o suicídio é considerado uma alternativa possível para resolver tensões subjetivas dentro de determinadas circunstâncias sociais.

Ainda segundo Mishara e Tousignant (2004), outro ponto importante do processo de legitimação social do suicídio é sua banalização. E uma das formas mais comuns e eficientes de banalizar a ocorrência de suicídios é visualizá-los como um acontecimento de ordem natural ou como uma fatalidade. No Vale do Rio Pardo, os suicídios de fumicultores teuto-brasileiros não provocam mais espanto na sociedade

local, pois se tornaram acontecimentos rotineiros, integrantes da dinâmica social da principal região produtora de tabaco do Brasil, como ilustra o depoimento abaixo destacado.

Às vezes, eu paro pra pensar, porque muito tempo atrás, nossa, quando acontecia um suicídio, aquilo era notícia, sabe. Mas é uma coisa que tá acontecendo tanto que já é como uma morte normal. Hoje de manhã mesmo a gente estava falando que em um mês a gente teve aqui no município cinco suicídios. E, não sei, tem horas que tu acha que isso é uma morte qualquer, como se fosse por uma doença ou algo assim. Às vezes passa despercebido, e isso é chocante. Isso é grave! Porque não deveria ser assim (Nilse, 35 anos, enfermeira e filha de fumicultores familiares).

Contudo, parece existir especial interesse por parte dos representantes das agroindústrias fumageiras na perpetuação social desta banalização dos suicídios de fumicultores teuto-brasileiros. Logo, a noção de acontecimento de ordem natural, muitas vezes atrelada à metáfora do sangue, é corriqueiramente acionada entre aqueles que querem evitar que os suicídios dos fumicultores criem obstáculos para o desenvolvimento da principal atividade econômica do Vale do Rio Pardo, que é a cadeia de produção e processamento de tabaco.

É, hoje eu vejo assim que me parece uma coisa, pra mim, muito natural, sem saber o que fazer. Porque se até hoje as autoridades não conseguiram saber bem o motivo de tudo isso. Eu acho que não tem como uma sociedade, ou uma entidade ou uma igreja se culpar em não estar fazendo nada, porque não se sabe exatamente o que fazer: porque se não se sabe o

porque ocorre, não se sabe o que fazer pra se precaver. Então, me parece que é uma naturalidade e, com certeza, é uma naturalidade porque são fatos que provém de gerações em gerações, não é uma coisa em algum momento, a gente sabe que ocorria historicamente nas gerações desde a Europa também já em outros momentos, suicídios sempre ocorreram e vão ocorrer. Então, vamos dizer assim que a sociedade está um pouco, vamos dizer assim, sem tomar uma atitude, sem fazer alguma coisa e se preocupar mais com esse assunto, que até muitas vezes não é tão fácil resolver do que uma outra enfermidade, digamos né (Neivaldo, 65 anos, representante de entidade vinculada aos fumicultores familiares).

Estudos recentes realizados no Vale do Rio Pardo, como o de Drebes e Marin (2022), demonstraram as relações existentes entre o processo de sofrimento e suicídio dos fumicultores teuto-brasileiros com as condições e relações de trabalho impostas a eles pelas agroindústrias fumageiras. Nesse sentido, o esforço realizado pelos representantes do poderoso setor agroindustrial para banalizar os suicídios, naturalizando as possíveis causas sociais destas mortes e utilizando do sangue e de seus supostos atributos genéticos e hereditários para responsabilizar apenas o próprio fumicultor pelo seu suicídio, consiste em uma narrativa estratégica de isenção de responsabilidade.

Todavia, como esclarecido pelo sociólogo Pierre Bourdieu, chama-se ilusão naturalista esta tendência do senso comum de considerar como coisas da natureza eventos que, na realidade, são coisas da sociedade. Não existem atributos inatos à natureza do ser humano, pois não existe uma natureza do ser humano. Toda natureza é resultado

de processos de socialização, da mútua intervenção entre indivíduo e coletivo (Bourdieu 2001).

Assim, embora no futuro possa ocorrer comprovação científica, por ora a suposta relação causa-efeito entre sangue e suicídio é apenas uma narrativa socialmente construída para tentar dar explicação plausível para tantos suicídios entre os fumicultores teuto-brasileiros do Vale do Rio Pardo e para tentar identificar possíveis culpados, ao passo em que exime outros de possível culpa por tais mortes.

Considerações finais

Em síntese, o artigo demonstrou a importância do sangue para a compreensão da ocorrência de vários suicídios em diferentes gerações de famílias de fumicultores teuto-brasileiros no Vale do Rio Pardo. No contexto de análise, o sangue é empregado metaforicamente pelos grupos sociais como símbolo da etnia germânica e do parentesco consanguíneo, construindo uma narrativa socialmente aceita na região do Vale do Rio Pardo de que os fumicultores teuto-brasileiros cometem suicídio por supostas questões biológicas atreladas à etnia e à família, passadas e perpetuadas geneticamente de geração em geração.

Contudo, essa narrativa socialmente aceita na sociedade do Vale do Rio Pardo, de que questões genéticas relativas ao sangue são responsáveis pela ocorrência dos suicídios, não encontra resguardo científico. Assim, enquanto os grupos sociais do Vale do Rio Pardo alegam que o código genético seria responsável pela ocorrência de suicídios, as teorias sobre suicídio afirmam que se trata de um código identitário, um comportamento aprendido com a família e legitimado pela sociedade. Em outras palavras, trata-se de uma problemática de fundo social.

Entretanto, a análise também demonstra que a suposta relação causa-efeito entre sangue e suicídio vem sendo estrategicamente explorada por alguns segmentos da sociedade regional para proteger a cadeia de produção e processamento do tabaco de vinculações com as

mortes de fumicultores teuto-brasileiros, tendo em vista pesquisas que comprovaram os sofrimentos aos quais os fumicultores são sujeitados em razão das condições e relações de trabalho estabelecidas na fumicultura.

Isto significa que quando a metáfora do sangue é empregada para explicar as causas dos suicídios dos fumicultores teuto-brasileiros, tais suicídios se tornam algo do âmbito individual, biológico, fisiológico e/ou psicológico... natural. Portanto, a metáfora do sangue obscurece as questões culturais, econômicas e sociais que causam sofrimento aos fumicultores, muitas delas atreladas às próprias condições e relações de trabalho da fumicultura.

Ainda no âmbito de considerações finais, vale destacar uma hipótese levantada a partir da presente pesquisa, que carece de maiores aprofundamentos. A pesquisa de campo evidenciou que o enforcamento é o método de suicídio mais utilizado entre os fumicultores teuto-brasileiros do Vale do Rio Pardo. De acordo com Mishara e Tousignant (2004), em um estudo sobre as teorias sobre o suicídio, uma das dimensões envolvidas na escolha do método é o acesso aos meios, como é o caso da corda para o enforcamento. Todavia, no contexto da fumicultura do Vale do Rio Pardo é necessário relativizar a relevância deste acesso na escolha do método, pois entre os fumicultores, por exemplo, existe contato irrestrito com agrotóxicos e o envenenamento não costuma ser utilizado como método suicida.

Em um dos raros estudos a referir-se ao simbolismo do método utilizado no suicídio, Leal (1982) discorreu sobre os sentidos do enforcamento na cultura gaúcha, ao analisar os suicídios masculinos ocorrentes nas áreas rurais de produção pecuária do Rio Grande do Sul. Na visão da autora, a escolha do enforcamento como método é resultado dos valores morais de insubmissão destes homens. Para o gaúcho, o laço é um instrumento de trabalho e de controle, utilizado na doma dos animais. Aspirante de uma vida autônoma, costuma evitar vínculos pessoais e profissionais: não intenciona se manter vinculado a nada nem a ninguém, valorizando sua individualidade. Estas características culturais do modo de vida autônomo do gaúcho seriam refletidas

também no modo de morte: o mais evidente em um enforcamento é a distância entre o indivíduo e o solo, não concretizando um vínculo.

Mas como os valores culturais dos fumicultores do Vale do Rio Pardo envolvem não somente as características da identidade gaúcha, mas, sobretudo, as características da identidade étnica teuto-brasileira, o enforcamento parece assumir outro sentido. Diante da valorização do sangue entre os fumicultores, símbolo da etnia e da família, o enforcamento, visivelmente uma morte sem derramamento de sangue, corrobora o valor simbólico desta substância: morrer sem sangrar simboliza uma morte não violenta e é uma maneira de enaltecer a etnia e a família, resguardando o sangue. Pode-se dizer que esta técnica de suicídio salienta o seu aspecto propriamente sociológico, pois não se trata de cometer suicídio de qualquer maneira, mas de fazê-lo com distinção, de maneira minimamente honrada para os padrões da sociedade regional.

Referências:

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MORELLO, Rosângela. (Orgs.). 2018. *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*. Florianópolis: Editora Garapuvu. (https://www.ufrgs.br/projalma/wp-content/uploads/2014/08/eBook_Livro-do-Invent%C3%A1rio-do-Hunsr%C3%BCckisch_2018-1.pdf, acesso em 10/04/23).
- BERTHO, Béatrice. 2016. “Le sang ne ment pas!” Conflits de paternité au Burkina Faso”. *Journal des Anthropologues*, (144-145): 169-189. (<https://journals.openedition.org/jda/6409>, acesso em 11/04/23).
- BOURDIEU, Pierre. 2001. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CUNHA, Jorge Luiz da. 1988. *Os colonos alemães de Santa Cruz e a fumicultura: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 1849-1881*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. (<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27080/D%20-%20CUNHA,%20JORGE%20LUIZ%20DA.pdf?sequence=1>, acesso em 27/06/18).

- DREBES, Laila Mayara. 2019. Suicídio de fumicultores familiares: construções de um problema social". Tese de Doutorado. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. (https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18608/TES_PPGER_2019_DREBES_LAILA.pdf?sequence=1&isAllowed=y, acesso em 17/11/20).
- DREBES, Laila Mayara; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. 2022. "Suicídio e trabalho na fumicultura: o caso do Vale do Rio Pardo/RS". In: SAUER, Sérgio; GRISA, Cátia; GOMES, Ramonildes; OLIVEIRA, Valter Lucio; DIAS, Janise Bruno (Orgs.). Estudos Rurais: entrelaçando reflexões sobre desenvolvimento, natureza, políticas públicas e lutas no campo, pp. 258-276. São Leopoldo: Oikos.
- CARSTEN, Janet. 2011. "Substance and relationality: blood in contexts". *Annual Review of Anthropology*, 40: 19-35. (<https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.anthro.012809.105000>, acesso em 11/04/23).
- CARSTEN, Janet. 2013. "Introduction: blood will out". *Journal of the Royal Anthropological Institute*, s./n.: 01-23. (<https://rai.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9655.12013>, acesso em 11/04/23).
- CARSTEN, Janet. 2014. "A matéria do parentesco". *Revista de Antropologia da UFSCar*, 6(2):103-118. (https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862313/mod_resource/content/1/J_Carsten_Mat%C3%A9ria_do_parentesco.pdf, acesso em 11/04/23).
- CARUSO, Juliana Lima; MARINI, Marisol; GARCÍA, Sandra Portela. 2020. "Introdução: o que nos carregou até o sangue?" *Aceno Revista de Antropologia do Centro Oeste*, 7 (14): 28-29. (<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/11514>, acesso em 11/04/23).
- GUINTIVANO, Jerry et al. 2014. "Identification and Replication of a Combined Epigenetic and Genetic Biomarker Predicting Suicide and Suicidal Behaviors". *Am J Psychiatry*, 171(12): 1287-1296. (<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7081376/>, acesso em 11/04/23).
- KLEIN, Cleci Eulália Favero. 1984. "Aparência e realidade social no

- Brasil: o caso de Teutônia”. *Estudos Ibero-Americanos*, 10(1): 41-77.
- LEAL, Ondina Fachel. 1992. “Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha”. In: TEIXEIRA, Sérgio Alves; ORO, Ari Pedro. *Brasil e França: ensaios de antropologia social*, pp. 141-150. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS.
- MISHARA, Brian; TOUSIGNANT, Michel. 2004. *Compreendre le suicide*. Les Presses de l’Université de Montréal: Québec.
- MOURANT, Arthur Ernest. 1962. “L’hématologie: base de l’anthropologie moderne”. *Transfusion*, (03-04): 213-218. (<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S037212486280037X>, acesso em 11/04/23).
- PÉREZ, Andrea Lissett. 2015. *Suicidio y sufrimiento en campesinos de América del Sur*. Trabalho apresentado no IV Congresso Latino-americano de Antropologia. Cidade do México, México.
- RODRIGUES, Carlos Alberto Bizarro; SCHRAMM, Fermin Roland. 2019. “Corpo e paradigma da imunização: reflexões sobre território, saúde e gênero a partir da metáfora do sangue”. *Saúde em Debate*, 43(7): 114-125. (<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/T6mxyqLxdF6gzw3NCD5XNns/abstract/?lang=pt>, acesso em 11/04/23).
- SCHNEIDER, David Murray. 1980. *American Kinship: a cultural account*. 2 ed. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- SECRETARIA ESTADUAL DA SAÚDE DO RIO GRANDE DO SUL. 2011. *Prevenção do suicídio no nível local: orientações para a formação de redes municipais de prevenção e controle do suicídio e para os profissionais que as integram*. Porto Alegre: CORAG, 2011. (<https://www.polbr.med.br/ano11/034704do1ao64.pdf>, acesso em 17/10/18).
- SECRETARIA ESTADUAL DA SAÚDE DO RIO GRANDE DO SUL. 2018. *Boletim de Vigilância Epidemiológica de Suicídio e Tentativa de Suicídio*. Porto Alegre: SESRS. (<https://cevs.rs.gov.br/upload/arquivos/201809/05162957-boletim-de-vigilanciaepidemiologica-de-suicidio-n1-2018.pdf>, acesso em 15/04/19).
- SEYFERTH, Giralda. 1986. “Imigração, colonização e identidade étnica: notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no Sul do Brasil”. *Revista de Antropologia*, (29): 57-71.

- (<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111143/109450>, acesso em 11/04/23).
- SEYFERTH, Giralda. 1994. "A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica". In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história, pp. 11-27. Canoas: Editora da Ulbra.
- SEYFERTH, Giralda. 2000. "As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional". Horizontes Antropológicos, 6(14): 143-176. (<https://www.scielo.br/j/ha/a/gK3bVRDv5Zn85XKdC7Yw7Lh/?lang=pt>, acesso em 11/04/23).
- VOGT, Olgário Paulo. 1994. A produção de fumo em Santa Cruz do Sul, RS (1894 - 1993). 1994. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. (<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27825/D%20-%20VOGT%2c%20OLGARIO%20PAULO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, acesso em 08/11/18).
- WOORTMANN, Ellen. 1988. "Keim e parentesco: reflexões sobre uma categoria cultural de colonos teuto-brasileiros". Revista Brasileira de Estudos da População, 5(1): 21-35. (https://www.rebep.org.br/revista/article/view/579/pdf_551, acesso em 11/04/23).
- WOORTMANN, Ellen. 1995. Herdeiros, parentes e compadres: Colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. Hucitec/Edunb: São Paulo/Brasília.

Notas:

[1] *Blood is a matter of birth, birth a matter of procreation, and procreation a matter of sexual intercourse. Sexual intercourse is an act which is undertaken and does not just happen. Yet as an act, it is natural. Its outcome is conception, which is followed by birth, and these are natural, too. Sexual intercourse as an act of procreation creates the blood relationship of parent and child and makes genitor and genetrix out of husband and wife* (Schneider 1980:38).

[2] Em síntese, jus sanguinis e jus solis são sistemas distintos de determinação da nacionalidade de um indivíduo. Através do jus sanguinis, isto é, do direito

de sangue, a nacionalidade do indivíduo é definida com base em sua ascendência, com base na nacionalidade de seus pais e outros antepassados. Já através do *jus solis*, ou seja, do direito de solo, a nacionalidade é determinada tendo como fundamento o território no qual o indivíduo nasceu.

[3] Variante de um dialeto alemão, consiste em dialeto teuto-brasileiro falado pelos descendentes de imigrantes germânicos que vieram para o Sul do Brasil a partir do século XIX, oriundos, sobretudo, da região chamada Hunsrückisch, no sudoeste da Alemanha. Estima-se que, atualmente, mais de 1.000.000 de pessoas falem o Hunsrückisch no Brasil (Altenhofen; Morello 2018).

The Metaphor of Blood and The Suicides of Tobacco Farmers in Vale do Rio Pardo, RS, Brasil

Abstract: The article analyzes how blood is metaphorically used in the Vale do Rio Pardo to explain a possible relationship between death, ethnicity and kinship in the face of several suicides in different generations of families of tobacco growers of German descent. Data were collected in field research in 2017, through semi-structured interviews and unsystematic observations. In Vale do Rio Pardo, blood is metaphorically used as a symbol of Germanic ethnicity and blood kinship, building a socially accepted narrative that German-Brazilian tobacco growers commit suicide due to supposed biological issues linked to ethnicity and family, passed down and perpetuated genetically from generation to generation. Although without scientific support, the narrative has been explored by segments of regional society to protect the tobacco production and processing chain from links with the deaths of German-Brazilian tobacco growers. Through the metaphor of blood, suicide is no longer a social issue.

Keywords: Ethnicity; Kinship; Tobacco; German-Brazilians.

Recebido em março de abril de 2023.

Aprovado em dezembro de 2023.

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>